



Linguística Histórica: teorias, métodos e resultados. Homenagem a Rosa Virgínia Mattos e Silva

Historical Linguistics: theories, methods and results. Tribute to Rosa Virgínia Mattos e Silva

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda*
Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Juliana Soledade Barbosa Coelho**
Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Natival Almeida Simões Neto***
Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Apresentação

Este Dossiê, intitulado *Linguística Histórica: teorias, métodos e resultados*, faz parte das homenagens prestadas pelo Departamento de Letras e Artes (DLA) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) à professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, que completaria, em julho de 2020, 80 anos, um grande nome nos estudos sobre a história da língua portuguesa e a constituição sócio-histórica do português brasileiro.

Encontram-se aqui reunidos 14 artigos, com pesquisas desenvolvidas em diferentes níveis de análise das línguas (fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical) e segundo diferentes perspectivas teórico-metodológicas, na grande área da Linguística Histórica, que se dedica ao estudo da mudança linguística, ratificando o que afirmou, em 1536, Fernão de Oliveira, na sua gramática, de concepção mais reflexivo-descritiva, primeira da língua portuguesa: “Mui poucas são as cousas que duram por todas ou muitas idades em hum estado, quanto mais as falas que sempre se conformam com os conceitos ou entenderes, juízos e tratos dos homens (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p. 129)¹.

Há também, nesta publicação, uma belíssima nota de homenagem, *Rosa Virgínia, amiga e mestra*, escrita pelo professor Carlos Alberto Faraco, que, gentilmente, aceitou nosso convite para participação neste Dossiê, que reconhece, em suas palavras, a importância, na Linguística Histórica, de “uma pesquisadora exemplar”, além de “amiga caríssima”.

¹ TORRES, A.; ASSUNÇÃO, C. *A Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira*: edição crítica, semidiplomática e anastátia. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 2000.

No artigo 1, Antonia Vieira dos Santos descreve os compostos e os padrões de composição no *Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval*, de Antônio Geraldo da Cunha, tendo como resultado uma diversidade de padrões compositivos, apesar de pouco expressivos em termos quantitativos.

No artigo 2, Arivaldo Sacramento de Souza investiga as condições de produção do discurso que vincula os estudos lexicais no âmbito da Filologia ao imaginário nacionalista que forjou a ideia de uma cultura etnocêntrica, apresentando tanto a situação da Filologia Românica em Portugal e no Brasil, como o empreendimento nacionalista da Filologia Portuguesa.

No artigo 3, Cristina Figueiredo e Rafael Dias Minussi analisam, de acordo com o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), a mudança relacionada à emergência de uma nova raiz a partir de palavras complexas, devido à não transparência de seus elementos constitutivos durante o processo de aquisição da linguagem, e a ampliação do uso do advérbio *mais*, permitindo que ele ocorra em estruturas de coordenação e de subordinação comitativa.

No artigo 4, Emília Helena Portella Monteiro de Souza e Norma da Silva Lopes apresentam o estudo, numa perspectiva histórica sócio-histórica, de um autor do século XVIII, Luís dos Santos Vilhena, e sua obra, o Livro de cartas dirigidas a D. João, príncipe de Portugal, buscando identificar que padrão gramatical de uso dos clíticos a escrita de Vilhena representa, se do português clássico, do português moderno ou do nascente português brasileiro. Chegam as autoras à conclusão de que a gramática escrita dos clíticos de Vilhena evidencia o português clássico, predominante nos séculos XVI e XVII.

No artigo 5, Ivo da Costa do Rosário e Brenda da Silva Souza, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015; ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016), traçam as tendências de uso da construção correlata aditiva em língua portuguesa, do século XVI ao XXI, propondo uma interpretação para a variação construcional atestada ao longo do tempo e, de uma forma mais ampla, contribuindo para o desenvolvimento das pesquisas funcionalistas centradas no uso.

No artigo 6, Huda da Silva Santiago e Afrânio Gonçalves Barbosa discutem sobre a presença de alguns aspectos na representação escrita de fatos morfossintáticos, em um *corpus* constituído por manuscritos produzidos por redatores estacionados em fases iniciais de aquisição da escrita. Analisam aspectos que contribuem para a identificação das “mãos inábeis” em escrita alfabética (BARBOSA, 2017; MARQUILHAS, 2000; SANTIAGO, 2019), em dados que não seriam reflexo da fala, mas da própria *escriptualidade*, concluindo que, de modo geral, a concentração de dados de representação morfossintática com construções irregulares, nos aspectos observados, está registrada nos textos que manifestam uma inabilidade máxima ou parcial de seus redatores.

No artigo 7, João Tavares da Silva e Welton Pereira e Silva apresentam a forma como as construções X-ão e X-inho podem desencadear efeitos de sentido relacionados à patemização, tomando, como base teórica, os pressupostos mais centrais dos Modelos Baseados no Uso (LANGACKER, 1987; CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 2010) e, mais especificamente, da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010), em confluência com a Semiolinguística do Discurso (CHARAUDEAU, 2008; 2010). As análises evidenciam que a construção X-inho e a construção X-ão também podem ser utilizadas para despertar determinadas emoções no interlocutor, persuadindo-o a adquirir os bens e/ou serviços oferecidos por anúncios publicitários.

No artigo 8, Lara da Silva Cardoso, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Aroldo Leal de Andrade investigam qual gramática portuguesa forneceu uma das bases para o desenvolvimento

do português brasileiro (MATTOS E SILVA, 2004). Argumentam os autores – a partir dos dados obtidos por Cardoso (2020), sobre a interpolação e a colocação dos clíticos em textos escritos por indivíduos nascidos no Brasil Colônia – que a gramática portuguesa preponderante para a formação do português brasileiro foi o português clássico.

No artigo 9, Leonardo Lennertz Marcotulio e Carlos Eduardo Schmitt exploram a *pluralização* do tratamento, que se trata de processo pelo qual a forma de plural *Vos* passa a ser utilizada, em termos discursivos, para somente um interlocutor. Os autores trazem evidências linguísticas do século IV, extraídas de discursos (*orationes*) de Símaco, buscando repensar a hipótese aventada por Brown e Gilman (1960), de acordo com a qual o uso de uma forma de plural responderia ao discurso dirigido, simultaneamente, à figura dos dois imperadores do Império Romano.

No artigo 10, Luiz Pedro da Silva Barbosa e Mariangela Rios de Oliveira descrevem e analisam, em perspectiva construcional, quatro padrões sufixais pré-desinenciais latinos: **-sc**, com valor incoativo; **-ta**, com valor frequentativo; **-turi**, com valor meditativo ou desiderativo, também formas absolutas, isto é, sem sufixação, como o verbo *rogo*, *-as*, *-are* (perguntar), constatando que tais famílias integram uma rede hierárquica na língua latina, distribuída em subcategorias.

No artigo 11, Mailson Lopes coloca algumas reflexões sobre as perspectivas histórica e construcional para os estudos morfológicos, revisitando algumas de suas pautas e apontando possíveis lacunas/déficits que apresentam. Considerando uma ótica mais integradora e holística para estudar o componente morfológico da língua, o autor apresenta um traçado inicial de uma proposta de junção desses dois prismas de descrição e análise morfológicos, da qual emergiria uma *morfologia histórico-construcional*.

No artigo 12, Mário Eduardo Viaro apresenta a mesma oração em doze idiomas (português, latim, romeno, inglês, alemão, islandês, russo, turco, húngaro, árabe clássico, japonês e mandarim), destacando o que é exclusivamente morfológico do que é morfossintático, morfofonológico, morfolexical e morforreferencial, em um modelo de signo em que se distinguem um significante, um significado e uma referência. Demonstra o autor que a presença de paradigmas puramente morfológicos, independentes dos paradigmas semânticos, no nível do significante, é um argumento forte para que a Morfologia seja entendida como uma ciência independente da Sintaxe e da Fonologia.

No artigo 13, Pedro Daniel dos Santos Souza discute a variação da concordância verbal na primeira fase do período arcaico da língua portuguesa (séculos XIII e XIV), a partir de *corpus* constituído por textos literários e não-literários (oficiais, particulares e institucionais), representativos da produção medieval portuguesa, trazendo dados que confirmam a existência de uma regra sintática variável já na primeira fase do período arcaico, definida pela influência de fatores de ordem morfo-fônica, sintática e semântica.

No artigo 14, Thaissa Frota Teixeira de Araujo Silva e Célia Regina dos Santos Lopes apresentam uma análise diacrônica – segundo os princípios da sociolinguística laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) e da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012) – das variantes oblíquas de segunda pessoa do singular encontradas em cartas pessoais fluminenses produzidas nos fins do século XIX e no decorrer do século XX, evidenciando que formas oblíquas do paradigma de *você* apresentam maior correlação com a forma utilizada na posição de sujeito do que as acusativas e dativas, passando a ser mais frequentes a partir de meados do século XX.

Os trabalhos que integram o presente Dossiê trazem contribuições valiosas para os estudos histórico-linguísticos, constituindo-se um excelente material de consulta na disciplina de História da Língua Portuguesa, que faz parte da grade curricular de muitas universidades no Brasil.

É com grande satisfação que oferecemos à Comunidade Acadêmica este Dossiê, homenageando a querida pró Rosa, que soube fazer pesquisas, deixando um grande legado, e fazer muitos amigos, deixando saudades.

Agradecemos a todos os autores e autoras que participam da presente publicação, pela parceria produtiva e generosidade, bem como pela credibilidade atribuída à Revista *A Cor das Letras*, que tem sido sempre um espaço de construção de conhecimento e de defesa da dignidade humana.

Salvador, 17 de dezembro de 2020.